

A mensagem "gritava" na tela, em maiúsculas:
"NÃO CONSIGO RESPIRAR. AJUDE-ME!"

Pedido de socorro pela Internet

MALCOLM MCCONNELL

NAQUELA TARDE agradável de segunda-feira, 14 de abril de 1997, Sean Redden, 12 anos, desceu do ônibus escolar, arrastando a sacola de livros para a modesta casa da família em Denton, Texas.

– Oi, mãe – disse o estudante da sétima série, indo direto à mesa da cozinha para se sentar à frente do computador.

Sharon Redden sorriu enquanto Sean navegava pelas telas vivamente coloridas e saltava de um *Web site* para outro, o clique do *mouse* ecoando na pequena cozinha.



O marido Kenneth e ela viviam com orçamento apertado. Apesar disso, sacrificaram-se para comprar o computador, cientes de que a habilidade na máquina era tão vital aos filhos Sean e Jennifer, 14 anos, quanto a educação escolar.

– O que você está jogando? – perguntou Sharon.

– Hummm... – Sean deu de ombros, movendo o *mouse*. – Acho que vou a Tavern.

O endereço *Glenshadows Tavern* (<http://pages.wbs.net> clique em “Entertainment”) é uma sala de bate-papo muito visitada que mistura fantasia gótica com ficção científica. Sam registrou-se com o pseudônimo, ou nome, de *Meegosh*. Sean clicou no ícone de um amigo cibernauta e ficou conversando sobre a escola.

Quando estava prestes a se desconectar, quase às 18 horas, notou um pseudônimo, *Susan Hicks*, piscando na tela. A mensagem curta foi toda escrita em letras maiúsculas:

“POR FAVOR, ALGUÉM PODE AJUDAR?”

Uma novata que não conhece as regras, resmungou Sean.

“Qual é o problema?”, digitou.

Logo em seguida, ela respondeu, ainda “gritando” em letras maiúsculas: “NÃO CONSIGO RESPIRAR. AJUDE-ME!”

Sean franziu as sobrancelhas. *A nova garota entrou direto com uma fantasia maluca*. No entanto, antes que pudesse repreendê-la, outro participante tranqüilizou o ambiente.

“Eu sou o curandeiro da Tavern. Puf! Você está curada!”

Letras continuavam a surgir na tela. “Ajude-me. Estou com dificuldade de respirar. Não consigo sentir o lado esquerdo do corpo. Não consigo sair da cadeira.”

Ai, ai, ai, gemeu Sean. Fingir que estava paralisada era piada pesada. Essa tal *Susan Hicks* não faria esse tipo de brincadeira...

Examinando a tela, Sean percebeu que os demais participantes a ignoravam. Já ia clicar em outro ícone quando parou. *E se não for brincadeira? Se estiver passando mal de verdade, preciso ajudar.*

– Mãe! – chamou. – Parece que tem alguém se sentindo mal aqui.

Sharon aproximou-se.

– Isso é sério? – perguntou ela.

O PEDIDO DE SOCORRO não era travessura. “*Susan Hicks*”, na verdade uma estudante de 20 anos, fazia pesquisas noite adentro na biblioteca da faculdade em Kerava, próximo a Helsinque, Finlândia – a mais de 11 mil quilômetros do Texas. Enquanto buscava informações na rede para um trabalho de Geografia, um ardor familiar e lancinante subia-lhe pelos tornozelos.

Está acontecendo de novo, pensou. Ela sofria desses ataques desde a infância. A dor ardente penetrava de súbito em seus pés, atacava de surpresa as pernas, às vezes abrindo caminho até os quadris e a coluna. Os médicos discordavam sobre a causa do problema.

Um forte ataque podia imobilizá-la enquanto estivesse sentada, impossibilitando-a de andar. Durante os episódios mais aterrorizantes, a dor compri-

mia-lhe a caixa torácica como um tor-
no, dificultando a respiração.

Naquela noite, espasmos queima-
vam-lhe as coxas até os quadris como
choques elétricos. O silêncio na biblio-
teca dava-lhe absoluta certeza de estar
sozinha no terceiro andar. O telefone
mais próximo localizava-se no corre-
dor, do lado de fora. Ir até lá estava fo-
ra de cogitação. Qualquer movimento
provocava-lhe dor insuportável pelo
corpo. *Será que consigo rastejar? Ava-
liou a distância entre o piso encerado e
a porta. Longe demais.*

Então, lembrou-se de que poderia

Aguardaram tensos. Nessa hora do
dia, a troca de mensagens parecia levar
uma eternidade. Sean se perguntava se
não estaria lidando com um moleque
travesso de 6 anos.

“Quantos anos você tem?”, digitou
desconfiado.

“20”, foi a resposta.

Sharon batia o pé, impaciente.

– Ela não deveria brincar assim. Vai
acabar se metendo em encrenca.

“Onde está você?”, Sean digitou.

Após outra longa pausa, surgiram as
letras:

“Finlândia”.

“Ajude-me. Estou com dificuldade de respirar.

Não consigo sentir o lado esquerdo do corpo.

conseguir ajuda pela In-
ternet. Mas como? Às ve-
zes exercitava seu inglês
na *Glenshadows Tavern*. Com a dor
comprimindo-lhe o peito, conectou-se
utilizando seu nome na *Web* e começou
a digitar o apelo.

– ACHO QUE NÃO é brincadeira, mãe
– observou Sean.

O menino fitou a última mensagem
de *Susan*. *Talvez seja asmática, como
eu, presa sozinha no apartamento ou,
quem sabe, em alguma fazenda distante.*
Sean recordou-se daquelas noites terrí-
veis quando era pequeno, despertando
em meio ao ataque de asma, os lençóis
encharcados de suor, o peito e a gar-
ganta em fogo.

“Você não pode ligar para 911?”, di-
gitou Sean.

Não consigo sair da cadeira.”

– Finlândia! – exclamaram mãe e fi-
lho em uníssono.

– Será que está nos pregando uma
peça? – perguntou seriamente Sharon.

E logo Sean digitou:

“Isso é alguma brincadeira?”

A GAROTA SE INCLINAVA para a di-
reita a fim de aliviar o formigamento
do lado esquerdo. Sentia-se tonta, mas
mesmo assim conseguia ler as pergun-
tas de *Meegosh*. Temia que as pessoas
pensassem que o pedido de socorro
fosse parte do jogo. Digitando com cui-
dado, redigiu a mensagem mais clara
que conseguiu.

“Garanto-lhe que não se trata de
brincadeira. Ajude-me.”

SEAN FITAVA A TELA. Não estava galgando um penhasco nebuloso de alguma ilha imaginária. Uma garota de verdade, num país distante, precisava de ajuda e, aparentemente, a mãe e ele eram os únicos em contato com ela.

– Você está querendo que eu ligue para a polícia? – perguntou Sharon.

Erguendo os olhos para a mãe, Sean respondeu:

– Estou, sim.

AMY SCHMIDT, radioperadora do Departamento de Polícia do Condado de Denton, encontrava-se na sala de comunicações no subsolo. Tinha concluído o treinamento há apenas um mês e estava satisfeita por ter a companhia da supervisora Debbie Strachan no turno da noite. *Até agora, pensava, a hora do rush tinha sido tranqüila.* Às 18h14 soou um *bip* em seu fone.

– 911. Qual é a emergência?

– Meu filho está num bate-papo pelo computador – disse Sharon Redden.

– E há uma garota dizendo que não consegue respirar. Ela precisa de ajuda.

Amy sentou-se, pronta para mandar a ambulância. Parecia ataque cardíaco.

– Onde é a ocorrência?

– Na Finlândia – respondeu.

– Meu Deus! – exclamou Amy.

Devia ser brincadeira, porém tinham de considerar todas as chamadas como sendo emergências reais.

Amy pediu a Sharon que conseguisse o número do telefone da garota.

– Você não vai acreditar – disse Amy, acenando para Debbie Strachan. – Há uma garota passando mal na Finlândia.

Debbie interceptou a ligação e registrou o incidente no computador. *Sem dúvida, muito estranho,* pensou.

– Continue na linha – disse calmamente a Amy. – Vou ver o que podemos fazer por aqui.

PASSARAM-SE ALGUNS minutos desde que Sean pedira o número do telefone da menina. No entanto, a caixa de mensagens na tela continuava vazia. Balançou a cabeça, frustrado com o constante congestionamento da Internet àquela hora do dia. *Fale comigo,* pensou. Logo surgiu uma fileira de dígitos – o número do telefone.

– Por que ela não se desconecta e liga? – Amy perguntou à Sharon.

– Diz que as pernas não se mexem.

Debbie fez sinal a Amy indicando que parecia ser emergência de verdade. A garota estava conectada por tempo muito longo para que fosse trote.

Sean transmitiu o pedido de Amy para que *Susan* enviasse o número da emergência local. Entretanto, em vez disso, ela escreveu:

“Estou sentindo tontura.”

“Agüente firme”, digitou Sean. “Já pedimos ajuda.”

Depois de longo intervalo, chegou a resposta.

“Dor. Está piorando.”

A cabeça de Sean doía após duas horas com os olhos pregados na tela. Pediu a *Susan* o endereço de onde se encontrava.

– Ela está na escola! – exclamou Sean depois de ler a resposta. Na Finlândia, já passava das 2 da madrugada.

Isso vai ser interessante, pensou Debbie, discando o número da telefonista local.

– Esta é uma chamada bastante incomum – principiou ela. – Preciso de informações do exterior para tentar contatar o órgão adequado em Kerava, Finlândia, para a prestação de socorro médico a um indivíduo que está conectado com alguém aqui nos Estados Unidos.

A telefonista riu, incrédula.

– Sei o que está pensando – reconheceu Debbie. – Mas é sério.

Durante os dez minutos seguintes, Debbie repetiu a mensagem a diversas telefonistas. Por fim, disseram-lhe para aguardar a telefonista da Finlândia.

Já se havia passado quase uma hora desde a primeira mensagem de Susan. *Tomara que a garota não morra enquanto espero na linha*, pensou Debbie. Finalmente a telefonista a colocou em contato com o posto de socorro de Kerava. E pela última vez Debbie contou os detalhes, acrescentando:

– É preciso que alguém vá verificar se ela está bem.

A operadora assegurou-lhe que enviaria ajuda. Ao ouvir a transmissão da mensagem, Sean sentiu os músculos relaxarem.

“Pessoal de emergência a caminho”, digitou.

DEBRUÇADA SOBRE o teclado, a menina tentava manter a posição precária na cadeira. Escutou passos fortes de pessoas andando pelo corredor e vozes abafadas. Antes que

pudesse chamar, eles já tinham ido embora.

Digitou outra mensagem para Sean.

“Posso escutar vozes, mas passaram por mim.”

“Não se preocupe”, veio a resposta. “Vão encontrá-la.”

Quando se virou, viu a luz das lanternas no corredor. Então a porta se escancarou. A equipe da ambulância e três policiais irromperam na sala.

Ela voltou-se mais uma vez para o teclado.

“Eles estão aqui. Obrigada.”

Sean relaxou na cadeira, agora rodeado pelos pais e pela irmã. Em silêncio, fitavam a mensagem na tela reluzente.

– Ela está a salvo! – exclamou Sean, radiante.

Quatro dias depois, o Departamento de Polícia de Denton recebeu mensagem do escritório da Interpol de Helsinque.

“*Graças ao amigo da Internet*”, observou a Interpol, “a menina recebeu o atendimento médico de que tanto necessitava e passa bem.”

A Secretária de Justiça dos EUA, Janet Reno, elogiou “o profissionalismo e a perseverança” de Amy Schmidt e Debbie Strachan.

Quando o Reader's Digest entrevistou a menina no hospital em Vantaa, Finlândia, a causa da doença ainda não havia sido identificada. Ela espera algum dia agradecer pessoalmente a Sean Redden, à sua família e às radioperadoras do Departamento de Polícia de Denton.